

LIMA; Messias Maximo de ¹, DANTAS; Michelle Bianca Santos²

RESUMO

A CONEXÃO ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: OS MITOS GRECO-ROMANOS NO CANCIONEIRO DE CAETANO VELOSO

INTRODUÇÃO

A presença dos mitos greco-romanos, nas produções musicais brasileiras, é uma realidade muito antiga. A conexão entre o passado e o presente, por meio desses mitos, é algo que pode ser bastante explorado, observando as suas múltiplas significações. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva evidenciar tal conexão, analisando uma música de um dos maiores artistas do Brasil, Caetano Veloso, chamada “Santa Clara, Padroeira da Televisão” (1998). Esse artista possui mais de noventa álbuns, os quais contêm mais de 500 músicas, sendo que ele possui canções em outros idiomas.

Nascido em 7 de agosto de 1942, Caetano Veloso tem sete irmãos, entre eles a artista Maria Bethânia, com quem já fez várias parcerias, no ramo musical, e que já interpretou muitas de suas composições. Além disso, este trabalho é fruto de uma pesquisa que está diretamente ligada ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica — PIVIC. Nessa pesquisa, escutei mais de 500 músicas de Caetano Veloso com o objetivo de identificar e analisar as referências dos mitos greco-romanos e, dessa forma, selecionei uma dessas músicas com tais referências mitológicas, para que possamos compreender como as canções podem ser uma ótima ferramenta de conhecimento de intersecção com outras culturas.

No percurso da pesquisa, os autores que nos auxiliaram neste trabalho foram Walter Burkert (1900), Junito de Souza Brandão (1996), Luciana Ferreira Moura Mendonça (1998), entre outros. Além disso, é fundamental compreendermos o conceito de mito utilizado neste trabalho. A respeito disso, destaco a citação de Burkert (1900), na qual ele afirma:

(...) O mito como moda aproxima-nos sobretudo de equívocos modernos, e em primeiro lugar deste, de que o mito radica de preferência nas profundezas irracionais ou em zonas-tabu para além da linguagem - ou, de modo mais banal, só o que é especialmente primitivo é mítico. Na verdade, mito não tem nada a ver com mística. A palavra grega «*mythos*» significa «fala, narração, concepção» (BURKERT, 1900, p. 16 - 17).

Nesse contexto, é importante abandonarmos a ideia de que o mito é associado à mentira ou à falsidade, como salienta Burkert (1900). Para uma compreensão um pouco mais aprofundada desse conceito, recorremos também à definição de Brandão (1996), vejamos:

É bem verdade que a sociedade industrial usa o mito como expressão de fantasia, de mentiras, daí mitomania, mas não é este o sentido que hodiernamente se lhe atribui. (...) Em síntese, os mitos são a linguagem imagística dos princípios. "Traduzem" a origem de uma instituição, de um hábito, a lógica de uma gesta, a economia de um encontro (BRANDÃO, 1996, p. 37-38).

¹ UFPB - Universidade Federal da Paraíba, messias.maximo.delima@gmail.com
² UFPB Universidade Federal da Paraíba, michellebianca86@hotmail.com

Portanto, os principais objetivos deste trabalho são apresentar uma contextualização geral do universo mitológico e analisar a presença mitológica, especialmente do mito de Narciso, na canção "Santa Clara, Padroeira da Televisão". A partir disso, pretendemos refletir a importância da mitologia na construção musical, enriquecendo os seus sentidos e refletindo a assimilação plural da cultura brasileira, não apenas num viés eurocêntrico, mas universal, em que a intertextualidade constitui riqueza na produção poética.

1. MITOS GRECO-ROMANOS: CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL DE UM UNIVERSO FABULOSO

A mitologia greco-romana possui vários personagens, muitos deles bastante conhecidos no Brasil e no mundo. Acredito que você já ouviu falar de Zeus, o deus soberano, detentor dos raios e que possui os domínios dos céus. Ele é um dos mais famosos deuses da mitologia grega, sendo conhecido também como Júpiter na cultura romana. Ele tem irmãos igualmente conhecidos, os quais são os deuses Hades, o deus do submundo, e Poseidon, o deus dos mares. As chances de você conhecer esses três deuses são enormes, pois eles são os mais populares entre os deuses gregos. No entanto, existem outros deuses e deusas que você talvez conheça e, por isso, vale a pena mencioná-los também.

Dito isso, apresento os deuses: Hefesto, conhecido por ser o deus da forja, do fogo e dos metais; Apolo, o deus das artes e do sol; Ares, o deus da guerra; Hermes, o mensageiro; Ártemis, a deusa da caça; Atena, que, assim como Ares, é conhecida como a deusa da guerra, mas também da justiça; Cronos, o titã do tempo e pai de Zeus, Hades e Poseidon, e, por fim, Afrodite, a deusa do sexo, do amor e da beleza. Existem milhares de seres na mitologia que não citei e que talvez você conheça, mas escolhi apresentar esses por considerá-los, em meu ponto de vista, os mais populares.

Portanto, esses personagens aparecem frequentemente nas produções artísticas em geral, no cinema, nos quadrinhos, nos desenhos animados, nas pinturas, na literatura e, naturalmente, na música brasileira etc. Com Caetano Veloso isso não é diferente, sendo assim, muitas de suas produções fazem referências aos personagens mitológicos, como é o caso da famosa "Sampa" (1998), que diz nos famosos versos: "Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto/ Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto/ É que Narciso acha feio o que não é espelho" (VELOSO, 1998). Nessa linha de raciocínio, nosso objetivo é apresentar aos leitores esse universo e, principalmente, a sua presença em nosso cotidiano de manifestações culturais. Isso porque, como afirma Brandão (1996), o mito é uma narrativa que atravessa gerações até os dias atuais:

De outro lado, o mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a *parole*, a palavra "revelada", o dito. E, desse modo, se o mito pode se exprimir ao nível da linguagem (...). Maurice Leenhardt precisa ainda mais o conceito: "O mito é sentido e vivido antes de ser inteligido e formulado. Mito é a palavra, a imagem, o gesto, que circunscreve o acontecimento no coração do homem, emotivo como uma criança, antes de fixar-se como narrativa (BRANDÃO, 1996, p.36).

Diante disso, a contextualização acima foi importante, para que possamos explorar um pouco desse universo mitológico antes de analisarmos a música do artista em questão. Mesmo porque, como afirma Brandão (1996), os mitos são transmitidos através das gerações, e ao acessá-los, conseguimos entender melhor como a sociedade antiga pensava. E, a partir da compreensão do passado, podemos entender ainda melhor o nosso presente.

2. NARCISO EM "SANTA CLARA, PADROEIRA DA TELEVISÃO"

Para entendermos as relações entre o mito de Narciso e a canção "Santa Clara, Padroeira da Televisão" (1998), de Caetano Veloso, antes de tudo, é necessário destacarmos o contexto de quem foi essa Santa e por

¹ UFPB - Universidade Federal da Paraíba, messias.maximo.delima@gmail.com

² UFPB Universidade Federal da Paraíba, michellebianca86@hotmail.com

que ela é considerada a padroeira da televisão, como faremos a seguir.

2.1. Quem foi Santa Clara?

Santa Clara foi uma jovem de uma família muito rica e com grande influência na sociedade da época. Aos 18 anos, demonstrou interesse em seguir a vida religiosa e deixou a casa dos pais para viver como religiosa, assim como São Francisco de Assis. Nasceu em Assis por volta de 1193–1194, e faleceu em 11 de agosto de 1253. É importante ressaltar que, naquela época, a televisão ainda não existia.

Nesse contexto, em 1253, antes de sua morte, Santa Clara já não tinha condições de sair do convento para assistir à missa. Então, sobre sua cama, ela começou a rezar e teve uma experiência onde pôde participar da missa como se estivesse fisicamente presente no local. Esse feito extraordinário e, até inexplicável, levou o Papa Pio XII a declarar, em 14 de fevereiro de 1958, a Santa Clara como a padroeira da televisão. Dessa forma, o dia 11 de agosto ficou conhecido como o dia da televisão em homenagem a tal santa.

2.2 NARCISO EM “SANTA CLARA, PADROEIRA DA TELEVISÃO”

Na primeira estrofe da música “Santa Clara, Padroeira da Televisão”, de Caetano Veloso, percebemos a existência de um pedido, um clamor, pois o eu-lírico solicita a Santa Clara que o menino de olhos espertos saiba identificar, da maneira correta, o sinal que está próximo, mas implícito. Sabemos que, no meio televisivo, muitos assuntos são transmitidos de forma não explícita. Frequentemente, esses temas estão encobertos. Por isso, o eu-lírico pede a Santa Clara que o menino consiga discernir essas mensagens, para que ele não adquira informações erradas e não as repasse para outras pessoas, observemos:

Santa clara, padroeira da televisão

Que o menino de olho esperto saiba ver tudo

Entender certo o sinal certo se perto do encoberto

Falar certo desse perto e do distante porto aberto

Mas calar

Saber lançar-se num claro instante (...)

(VELOSO, 1998)

Ademais, percebemos a continuação desse pedido quando, na segunda estrofe, o eu-lírico roga a Santa Clara para que a televisão não seja um “inferno interno”, ou seja, um tormento psicológico e solitário:

(...) Santa clara, padroeira da televisão

Que a televisão não seja o inferno, interno, ermo

Um ver no excesso o eterno quase nada (quase nada)

Que a televisão não seja sempre vista

Como a montra condenada, a fenestra sinistra

Mas tomada pelo que ela é

De poesia (...)

(VELOSO, 1998)

Ele completa pedindo a Santa Clara que a televisão não seja uma “montra condenada”, ou seja, um produto condenado, mas que ela seja valorizada pelo que realmente é: poesia. Isso é muito interessante porque vemos a televisão, para além de meio de comunicação e informação, como um *locus* repleto de poesia, diretamente ligada à cultura e à música.

Para fundamentar essa relação, citamos a autora Mendonça (1998), que explora a relação entre poesia/literatura e canção/oralidade, demonstrando que a história desses dois elementos se entrelaça com a própria criação dessas artes. Esse vínculo é analisado à luz dos papéis que cada uma desempenha nos contextos sociais. Nessa perspectiva, a música de Caetano Veloso, desempenha um papel muito importante, pois, ao apresentar a televisão como poesia, promove reflexões que podem mudar a forma como as pessoas a enxergam de maneira geral. Além disso, na terceira estrofe, percebemos um momento em que o eu-lírico com versa com o seu pai:

(...) Quando a tarde cai onde o meu pai

Me fez e me criou

Ninguém vai saber que cor me dói

E foi e aqui ficou

Santa clara (...)

(VELOSO, 1998)

Esse momento é importante, porque temos um relato de um eu-lírico que, possivelmente, está lembrando de sua infância, o que nos leva a acreditar que “o menino de olhos espertos”, mencionado na primeira estrofe, seja possivelmente ele mesmo. Ou seja, o eu-lírico está pedindo a Santa Clara que a televisão não se torne um inferno psicológico para ele ou algo solitário. E, se considerarmos essa estrofe como um relato de vida de Caetano Veloso, podemos pensar que, nesse momento, ele estaria se apresentando em programas televisivos e que, talvez, em algumas dessas apresentações, ele passou por situações que não gostaria que sua família visse. Acredito que os três últimos versos dessa estrofe reforçam essa ideia, quando ele diz: “Ninguém vai saber que cor me dói”.

Na quarta estrofe, podemos identificar a referência mitológica de Narciso. Diante disso, vejamos a seguir:

(...) Saber calar, saber conduzir a oração

Possa o vídeo ser a cobra de outro éden

Porque a queda é uma conquista

E as miríades de imagens, suicídio

Possa o vídeo ser o lago onde narciso

Seja um deus que saberá também

Ressuscitar (...)

(VELOSO, 1998)

Destacamos, a partir do primeiro verso, duas coisas: “saber calar”, ou seja, saber o momento certo de falar, e “saber conduzir a oração”. O segundo verso explica a importância dessas habilidades, pois o indivíduo precisa possuí-las, mesmo que na televisão esteja passando algo negativo ou prejudicial para o estado emocional, o que pode estar relacionado com as manipulações que ocorrem no ambiente televisivo, como em a “cobra no outro Éden”, esse é um animal simbólico, na religião cristã, que representa algo ruim e manipulador.

No terceiro verso dessa estrofe, notamos a associação da “queda” como algo que pode representar,

¹ UFPB - Universidade Federal da Paraíba, messias.maximo.delima@gmail.com

² UFPB Universidade Federal da Paraíba, michellebianca86@hotmail.com

contraditoriamente, uma conquista. Isso porque, no espaço televisivo, ocorrem várias falhas humanas, que acabam sendo expostas ao público e, consequentemente, elas podem ser vistas como oportunidades de aprendizado e não só negativamente. Em outros termos, a palavra “queda” representa as falhas humanas exibidas na televisão, enquanto a “conquista” representa as lições que aprendemos com esses erros. Dessa forma, ao abordar essa questão em sua música, Caetano Veloso promove uma reflexão muito válida, para que todos possamos aprender com os erros alheios, e não nos limitarmos apenas às críticas.

Ademais, antes de analisarmos os versos subsequentes desta estrofe, é importante conhecermos um pouco sobre o mito de Narciso. Este mito possui diversas versões, e sua origem é um mistério a ser desvendado. Por isso, destacaremos alguns pontos sobre o mito de Narciso para deixar mais clara a nossa análise. Dessa forma, observemos a afirmação de Brandão (2008) sobre esse mito:

Não era concebível um menino tão belo! Na cultura grega, de modo particular, beleza fora do comum sempre assustava. É que esta facilmente arrastava o mortal para a *hýbris*, o descomedimento, fazendo-o, muitas vezes, ultrapassar o *métron*. Competir com os deuses em beleza era uma afronta inexoravelmente punida. Bastaria o mito de *Eros e Psiqué* para testemunhá-lo! E Narciso era mais belo do que os Imortais, que carregavam o peso da eternidade, embriagados de néctar e fartos de ambrosia. [...] E as grandes paixões pelo filho do rio Cefiso começaram... Jovens da Grécia inteira e ninfas, como sonhara Liríope, estavam irremediavelmente presas à beleza de Narciso, que, no entanto, permanecia insensível. Entre as grandes apaixonadas do jovem da Beócia estava a ninfa Eco, que, após um grave acontecimento, acabara de regressar do Olimpo (BRANDÃO, 2008, p.175-177).

Desse modo, percebemos que Narciso era dotado de uma imensa beleza. Entretanto, apesar de toda essa beleza, ele não se interessava por ninguém que o desejasse, o que é uma característica marcante desse personagem mítico. Ainda nessa obra de Brandão (2008), somos informados, por meio do profeta Tirésias, que ele teria uma longa vida, mas com uma condição: ele nunca poderia ver seu próprio reflexo. Em um determinado momento desse mito, Narciso olha para seu reflexo em um lago e, consequentemente, acaba morrendo por causa desse amor por si, um amor impossível.

Diante desse resumo acima, prosseguiremos com a análise da quarta estrofe. Nesse sentido, no quarto verso, conseguimos identificar o mito de Narciso, no qual as várias imagens (miríades) que a televisão nos proporciona, às vezes, têm um peso negativo para o psicológico. Nos versos seguintes dessa estrofe, encontramos uma metáfora em que a televisão (vídeo) é comparada com o lago em que Narciso viu seu próprio reflexo, o que causou seu suicídio. Nesse caso, nós poderíamos ser como Narciso, olhando para a televisão e enxergando a nós mesmos. No entanto, diferentemente dos primeiros versos dessa estrofe, a figuração da televisão passa a representar positivamente quando menciona que ela seja um deus que saberá também ressuscitar. Ou seja, indo além da morte, a televisão poderia indicar uma forma de renovação.

Na sexta estrofe, percebemos uma comparação do mundo com *ālorixá*, sacerdotisa muito respeitada, que possui muita sabedoria. Logo, podemos inferir que as pessoas deveriam ter mais conhecimentos, assim como a *ialorixá*. Nesse processo, ao mesmo tempo que objetivamos a análise do mito de Narciso, não podemos deixar de destacar as relações multiculturais presentes na canção de maneira bastante simbólica. Assim, visualizamos referências que vão, desde a tradição cristã, com Santa Clara, à cultura grega/europeia, com Narciso, a *ialorixá*, enaltecendo a religiosidade candomblecista de origem africana, e a própria televisão que, de uma cultura *pop*, aparenta quase ser divindade. Vejamos abaixo:

(...) Possa o mundo ser como aquela *ialorixá*

A *ialorixá* que reconhece o orixá no anúncio

Puxa o canto pra o orixá que vê no anúncio

No caubói, no samurai, no moço nu, na moça nua

No animal, na cor, na pedra, vê na lua, vê na lua

Tantos níveis de sinais que lê

¹ UFPB - Universidade Federal da Paraíba, messias.maximo.delima@gmail.com

² UFPB Universidade Federal da Paraíba, michellebianca86@hotmail.com

E segue inteira (...)

(VELOSO, 1998)

Na sétima e última estrofe, vemos o clamor à “lua clara”, para que ensine a vê-la e que ela permaneça nele. Podemos relacionar essa passagem com o que assistimos na televisão, pois nem sempre o que vemos nela corresponde à realidade. Por exemplo, podemos ver um anúncio e interpretá-lo de uma maneira, enquanto ele quer transmitir outra mensagem. A lua, nesse caso, funcionaria como um guia. Vejamos a estrofe final:

(...) Lua clara, trilha, sina

Brilha, ensina-me a te ver

Lua, lua, continua em mim

Luar, no ar, na tv

São Francisco

(VELOSO, 1998)

Nessa perspectiva, o mito de Narciso é citado como uma metáfora para refletirmos sobre nossos próprios reflexos (imagens), tal como Narciso contemplou o seu no lago, e isso foi algo que o prejudicou. No entanto, ao contrário de Narciso, somos capazes de interpretar nossas próprias reflexões e extrair delas aprendizados significativos. A televisão, longe de ser somente algo prejudicial, pode oferecer também oportunidades de enriquecimento. E, para compreensão da função do mito presente na canção, é preciso entendermos que ele pode representar primordial papel e detém um poder imensurável, conforme observado por Burkert (1900):

O poder dos mitos e de facto de uma qualidade quase única: dominam poesia e artes figurativas, mesmo a religião se exprime de preferência por meio deles, e a filosofia nunca se emancipou deles completamente. Mas também na política são pressupostos como dado adquirido e actuante, emprestam o seu prestígio a grandes famílias e condicionam uma grande parte do que é compreensão própria para o homem comum (BURKERT, 1900, p.16).

Assim como mencionado acima, os mitos possuem uma característica praticamente singular. Isso é evidente no mito de Narciso, que não apenas enriquece o significado da música, mas também estabelece uma conexão entre a cultura brasileira e a greco-romana. Por esse motivo, ressaltamos que o mito greco-romano está muito presente na música brasileira e, por sua vez, enaltece, não uma postura colonial, mas, sobretudo, a nossa riqueza artística, múltipla e diversa, em nossas próprias singularidades, como atestam produções de valor inestimável como as de Caetano Veloso, Chico Buarque, Chico César, Zé Ramalho entre tantos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao considerarmos toda a temática da música de Caetano Veloso intitulada “Santa Clara, a padroeira da televisão” (1998), percebemos a genialidade desse artista ao empregar o mito de Narciso como uma metáfora para expor o papel desse meio de comunicação em nossas vidas. Ao conectar o mito grego com a Santa Clara, uma figura religiosa conhecida por sua benevolência e cujo nome é associado à televisão, Caetano

¹ UFPB - Universidade Federal da Paraíba, messias.maximo.delima@gmail.com

² UFPB Universidade Federal da Paraíba, michellebianca86@hotmail.com

Veloso ressalta a presença da diversidade em nossa formação cultural. Por vezes, tais referências passam despercebidas, mas, ao evidenciá-las, compreendemos melhor as suas significações.

Vale ressaltar ainda que o mito de Narciso é abordado em mais de uma das composições de Caetano Veloso, a exemplo de “Sampa” (1978), destacando, dessa forma, a intertextualidade e as influências mitológicas na obra deste renomado artista da música popular brasileira. Nesse sentido, se você, caro leitor, sentiu-se interessado em explorar mais esse universo mitológico e musical de nossa MPB, compreendendo a relevância dos mesmos, consideramos que nossos objetivos foram alcançados com êxito. Acreditamos que, ao nos familiarizarmos com as mais diversas culturas, expandimos os nossos conhecimentos e, assim, podemos identificar e enaltecer a rica pluralidade da identidade musical brasileira.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol 2. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. II. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BURKERT, W. **Mito e Mitologias**. Lisboa: Edições 70. 1900

DE ASSIS FILHO, Jaime Florêncio. **Deuses da Mitologia Greco-Romana**. *Revista do Clube Naval*. v. 4, n. 396, p. 22-27, 2020. Disponível em: <<https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/clubenaval/article/view/1862>>. Acesso em 10 de abr. 2024.

DOS SANTOS, Elaine Cristina Prado; ATIK, Maria Luiza Guarnieri. **Metamorfose e metaformose: uma leitura mítico-dialógica do mito de Narciso em Ovídio e em Leminski**. 2011.

FERNANDES, Cláudio. **11 de agosto — Dia da Televisão**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-televisao.htm>. Acesso em 23 de maio de 2024.

MENDONÇA, Luciana Ferreira Moura. **Literatura e Oralidade: da canção poética à canção popular**. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom–GT Produção Editorial, Livro e Leitura. Recife, Setembro de. 1998.

Porto Editora. **Santa Clara de Assis**; na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$santa-clara-de-assis](https://www.infopedia.pt/$santa-clara-de-assis)>. em 23 de maio. 2024.

SOUZA, Evaldo César de. **Por que Santa Clara é a padroeira da Televisão?**. 2020. C.Ss.R - Jornal Santuário. Disponível em: <<https://www.a12.com/jornalsantuario/artigos/por-que-santa-clara-e-a-padroeira-da-televisao>> . Acesso em 23 maio. 2024.

SOUZA, Miguel. **Caetano Veloso**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/caetano-veloso.htm>. Acesso em 10 de abril de 2024.

Veloso, Caetano. **Santa Clara, padroeira da televisão**. Comunicação & Educação, [S. l.], n. 11, p. 105–105, 1998. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i11p105-105. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36346>>. Acesso em 1 maio. 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Conexão, Antiguidade, Mitos, Greco-romanos, Atualidade